

6-2008

## O P. António Vieira e as Missões de Cabo Verde

António Brásio

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

---

### Recommended Citation

Brásio, A. (2008). O P. António Vieira e as Missões de Cabo Verde. *Missão Espiritana*, 13 (13). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol13/iss13/9>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

## o padre antónio vieira e as missões de cabo verde<sup>1</sup>

*No ano do IV centenário do P. António Vieira este artigo é particularmente actual. Não deixa de ser interessante descobrir como o P. Brásio se tinha já debruçado sobre este personagem que marcou tanto a literatura portuguesa e a história de Portugal. É um exemplo do seu interesse pela causa missionária em que o P. António Vieira foi um dos expoentes mais credíveis no seu tempo.*

A vida da igreja cabo-verdiana foi quase sempre tormentosa nos quatro séculos do seu já longo viver. Mas estes padecimentos agravaram-se particularmente em meados do século XVII, por circunstâncias várias, entre as quais se não pode esquecer a sua longa viuvez por morte de D. Frei Lourenço Garro em 1646 (só substituído em 1672) e a retirada dos Religiosos da Companhia de Jesus em Julho de 1642. Faltou-lhe o Pastor e os Missionários quase a um tempo, ficando o rebanho sem mão e sem pão.

Seria longo estudar aqui, à luz dos documentos, o extenso como complexo processo histórico da retirada dos missionários Jesuítas de Cabo Verde em 23 de Julho de 1642. Longo e pouco airoso, quanto podemos apreender a casuística da época, que não era, positivamente, a do grande espírito de Vieira, dez anos passados. Este escrevia ao príncipe amigo, D. Teodósio de Bragança, em 25 de Janeiro de 1653, do Maranhão:

<sup>1</sup> In Portugal em África. Lisboa, 1946 (III), p. 298-305.

«Ah! Senhor! que se perdem infinitas almas remidas com o sangue de Cristo, por não haver quem as alumie com a luz da fé, havendo tantas religiões nesse reino e tantas letras ociosas!»

Vieira fazia-se eco, talvez sem dar por isso, dos veementes queixumes de outro grande apóstolo da Companhia, Xavier, em carta de Cochim, um século antes (15 de Janeiro de 1544), aos irmãos de Roma:

«Muchas vezes me mueuen pensamientos de yr a los estudios de essas partes dando bozes como hombre que tiene perdido el juicio y principalmente a la Vniuersidade de Paris, diciendo en Sorbona a los que tienē mas letras que volutad para disponer se a fructificar con ellas, quantas animas dexan de yr a la gloria y van al Infierno por la negligencia dellos».

Vieira não pensava que, para ser missionário de Cristo em terras de Portugal, fosse preciso o apego ou posse de bens materiais, mas sim a plena confiança em Deus, que veste os lírios da campina e alimenta as aves canoras da floresta:

«Não peço rendas nem sustentação – escreve ainda ao Príncipe – para os que vierem, que Deus os sustentará: o que peço é que venham, e que sejam muitos e de muito espírito».

Apesar das dificuldades havidas em Cabo Verde, é de inteira justiça salientar o coro de elogios que se lhes tece em dezenas de documentos oficiais, o que prova exuberantemente – ainda aos mais incrédulos – que os Padres da Companhia de Jesus foram ali excelentes missionários. Precisamente por isso é que o historiador, preocupado com a objectividade dos factos, desapaixonado, sem tese preconcebida de apologética ou de crítica sectária, se sente deveras embaraçado quando deseja sinceramente ser-lhes agradável e fazer-lhes justiça inteira. Decerto que não é nada fácil absolvê-los totalmente da retirada, perante os motivos determinantes apresentados: ser o clima doentio e faltar-lhes o «viático» do Estado. Fosse este o programa vivido pelos missionários católicos, que muito outra seria hoje a situação da Igreja no Mundo e até, sem irmos mais longe, na África Portuguesa.

Segundo documento que temos presente, de 2 de Abril de 1647, fez-se diligência oficial para os Jesuítas enviarem 6 religiosos para Cabo Verde e Guiné, que obteve recusa formal; a Câmara fez igual petição em 28 de Janeiro de 1649, com

idênticos resultados. Nem valeu a razão do desamparo espiritual em que se debatiam aquelas cristandades, nem a razão política de a Santa Sé estar disposta a prover as missões portuguesas com missionários estrangeiros, como escrevia alarmado, nesta altura, o Padre Nuno da Cunha, jesuíta e nosso Agente de Negócios em Roma.<sup>2</sup>

Entretanto passa Vieira e seus confrades pela Ilha de Santiago. Em 19 de Março de 1653 a Câmara da Ribeira Grande pede uma vez mais que voltem os Padres jesuítas, pois era deles aquela vinha e que, quando o não fizessem, mas só então, largassem tudo quanto lá tinham para se dar aos Religiosos que Sua Majestade se dignasse nomear para o seu lugar.

Como a recusa fosse definitiva, por decreto de 25 de Setembro de 1653, consultado no Conselho Ultramarino em 10 de Outubro, e por despacho régio de 20, são aceites os Capuchos Barbados franceses e italianos, não vassalos de Castela, por se não conformarem os Padres da Companhia em tornarem a continuar esta «*missão, allegando a distemperança do clima, o pouco com que dizem se lhe acode aly de minha fazenda, e com al que os sofrião os moradores*».<sup>3</sup>

Finalmente, zarpam para Santiago 8 padres Capuchos da Província da Piedade, no pataxo de Manuel Fernandes Rei, onde chegaram, «*sãos e bem dispostos*», em 10 de Janeiro de 1657.

Não vem a propósito relatar agora as vicissitudes dos Padres de S. Francisco na Ribeira Grande, matéria de largo fôlego. Todavia estiveram apenas três dias na antiga residência dos Padres da Companhia, por não ser «*capaz nem conueniente a sua clausura*», indo viver para o «*morgado dos Mosquitos*», por cima da igreja de N.<sup>a</sup> Senhora da Conceição, descendo o cura que ali habitava para a ex-residência dos Padres Jesuítas.

Apesar de a Câmara reconhecer, em documento de 4 de Maio de 1657 – um hino de exuberante alegria –, que os Religiosos da Companhia ali tinham trabalhado «*como obreiros devangelho*», impressionara a população nos Padres Capuchos a «*particularidade da pobreza e de não peçuir proprio*», como de não os cercar «*a ambição de propriedades e dinheiro*».<sup>4</sup>

“Entretanto  
passa Vieira e  
seus confrades  
pela Ilha de  
Santiago. Em  
19 de Março de  
1653 a Câmara  
da Ribeira  
Grande pede  
uma vez mais  
que voltem os  
Padres jesuítas”

<sup>2</sup> Cfr. Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal, Porto, 1944, III, vol. II, pág. 139 e segs.* – Eduardo Brazão, *D. João V e a Santa Sé, p. 43 e segs.* e *A Restauração, p. 303-312.*

<sup>3</sup> ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO – Cabo Verde, doc. *Avulsos de 1653.*

<sup>4</sup> ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO – Cabo Verde, *carta da Câmara da Ribeira Grande, ao Rei.*

Lamentável como injusta alusão sarcástica esta, aos religiosos da Companhia de Jesus. Sim, injusta, como o provou o Rev. Padre Francisco Rodrigues.<sup>5</sup> Todavia, julgamos que, mesmo os apologistas mais convictos, sinceros e isentos, lá no mais recôndito do seu íntimo sentir e pensar, apesar de todas as ponderosas razões e documentos aduzidos em tese, lastimam a retirada de Cabo Verde e que as razões do Padre Sebastião Gomes não tivessem prevalecido sobre as dos derrotistas vencedores...<sup>6</sup> Nós, que não somos da Companhia, sinceramente o lamentamos, como portugueses, historiógrafo e membro de uma Congregação missionária particularmente votada à conversão da África pagã.

Vieira, ao ter conhecimento de que el-Rei dera remédio à população faminta de Cabo Verde, nomeando em 1653 os Capuchinhos para aquela missão, exultou de alegria, que manifestou ao Soberano em carta de 6 de Abril de 1654:

«Cá tive notícia que V. M. encarregara a conversão de Cabo Verde e Costa de Guiné aos padres Capuchinhos de Itália, e me pareceu eleição do céu e mui digna de V. M., pelo grande conceito que tenho do espírito e zelo daqueles religiosos. E lembrado estará o Secretário Pedro Vieira que lhe falei eu mesmo neles, para este fim da conversão das almas, e lhe disse que tomara que no nosso reino se trocara esta Religião por alguma outra, suposta não ser ela capaz de se multiplicar.»<sup>7</sup>

Os brados de Vieira encontram eco na corte e no ânimo dos régios governantes e deve-se-lhe, basilarmente, o envio de novos missionários. Lemos, efectivamente, num documento que temos presente:

«Huma das causas que o Sereníssimo Pincippe D. Theodozio na doença de que Deos o leuou pedio a S. Mag.de que está em gloria, foi mandasse Missionarios, às Ilhas do Cabo Uerde, por estar informado pello P.e Antonio Vieira da grande necessidade em que estaua aquella Christandade por falta de Releg.os que os doutrinassem e administrassem os sacramentos. Por esta razaõ (...) mandou encarregar esta missão aos Releg.os da Prou.a da Piedade».<sup>8</sup>

As cartas de Vieira abaixo publicadas falam por si e por nós. Nelas se patenteia de maneira admirável a alma de fogo que o devorava. Não foi normal, nem a partida de Vieira para

“Vieira, ao ter conhecimento de que el-Rei dera remédio à população faminta de Cabo Verde, nomeando em 1653 os Capuchinhos para aquela missão, exultou de alegria”

“As cartas de Vieira”

“Nelas se patenteia de maneira admirável a alma de fogo que o devorava.”

<sup>5</sup> Ob. cit., p. 2113 e segs.

<sup>6</sup> F. Rodrigues - Obro cit., p. 223-224.

<sup>7</sup> J. Lúcio de Azevedo., *Cartas do Padre Vieira*, Coimbra, 1925, I, p. 440.

<sup>8</sup> BIBLIOTECA DA AJUDA (Lisboa) - Cód. 50 - V - 37, fl. 305.

o Maranhão nesta altura, nem a sua passagem por Cabo Verde, como se verifica pela sua correspondência, mas andou numa e noutra o dedo da Providência.

Na carta escrita em 25 de Janeiro ao Príncipe amigo descortina-se, a olho desarmado, quanto a partida o contrariou pelo seu inesperado e quiçá violência:

«Esta escrevo a V. A. no Cabo Verde, aonde arribámos depois de trinta dias de viagem, obrigados de tempestades, corsários, e outros trabalhos e infortúnios que nela se padeeram. Eu, senhor, não sei se os padeçi; porque desde a hora em que o navio desamarrou desse rio, não estive mais em mim nem o estou ainda, atónito do caso e da fatalidade da minha partida, e de não saber como S. M. e V. A. a receberiam, pois não é possível serem-lhe presentes todas as circunstâncias dela; tais que não fui eu o que me embarquei, senão elas que me levaram».

E mais longe continua o seu íntimo desabafo:

«As velas (da *caravela*) se largaram, e eu fiquei dentro nela e fora de mim, como ainda agora estou e estarei, até, saber que S. M. e V. A. tem conhecido a verdade e sinceridade do meu ânimo».

Mas o grande missionário reconhece, de boa mente, que foi plano divino e não capricho dos homens que deixasse Lisboa pela antiga vida de apóstolo de humildes, aquela involuntária partida,

«Não foi acaso, senão disposição altíssima da Providência Divina – escreve ainda –, como já neste Cabo Verde tenho experimentado, em tão manifesto fruto das almas que, quando não chegue a conseguir outro, só por este posso dar por bem empregada a missão e a vida.

O muito que nestas terras e nas vizinhas se pode fazer em bem das almas, e a extrema necessidade em que estão, aviso em carta particular ao Bispo do Japão, para que o comunique a V. A., e o modo com que fácil e prontamente se lhe pode acudir. Não encareço este negócio, que é o único que hoje tenho no mundo, e o único que o mundo devia ter, porque conheço a piedade e zelo de V. A., a que Nosso Senhor há-de fazer, por este serviço, não só o maior monarca da terra, mas um dos maiores do céu».<sup>9</sup>

“grande missionário reconhece”

“foi plano divino e não capricho dos homens que deixasse Lisboa pela antiga vida de apóstolo de humildes”

<sup>9</sup> J. Lúcio de Azevedo, *Obra cit.*, I, pp. 290-93.

Os brados do coração apostólico de Vieira não os ouviram seus confrades, voltando à Ribeira Grande a continuar o esforço outrora ali feito e os trabalhos auspiciosos do Superior da caravana do Maranhão e seus três companheiros. Mas não foi em vão que lançou o seu clamor angustiado: ouviu-o el-Rei, ouviram-no os Franciscanos. E a par da glória de ter sido o inconfundível Missionário dos sertões do Maranhão, o defensor destemido dos índios e a honra imorredora da tribuna sagrada, Vieira foi também um dos grandes missionários das Ilhas cronicamente abandonadas de Cabo Verde.

## DOCUMENTOS

### CARTA AO PADRE ANDRÉ FERNANDES (25-12-1652)

Pax Christi  
Padre e Senhor meu

Faço esta em Cabo Verde, aonde chegámos com trinta dias de viagem, obrigados dos ventos contrários e de todos os outros trabalhos de tempestades, calmarias e corsários, que em mais compridas navegações se costumam padecer. Bendito seja Deus que assim quer exercitar a minha pouca conformidade, e premiar a de todos os companheiros!

Muito contra nossa vontade tomámos este porto, assim pelo mal acreditado que está de doentio, como pela dilação forçosa que aqui se havia de fazer, tão contrária a nossos intentos, e aos desejos com que íamos de chegar ao nosso desejado Maranhão; mas depois que pusemos os pés em terra, e vimos por experiência o que isto é, nos resolvemos que foi providência mui particular do céu o trazer-nos aqui, não só pelo fruto que se tem feito em muitas almas, que é grandíssimo, mas para que, conhecendo eu os muitos tesouros espirituais que aqui estão escondidos e desprezados pudesse dar a V. Rev.ma este alvitre, e rogar-lhe que de lá queira ser apóstolo desta antiga e nova conquista, e agregá-la à nossa província do Alentejo, para que, neste dilatadíssimo oceano de almas, se venham desafogar os fervorosos espíritos dos que, só para maior honra e glória de Deus, aumento de sua fé e da Companhia, desejam esta divisão ou multiplicação das Províncias e padecem por elas.<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Só em 1654, por imposição régia e contra o parecer do Geral, se fez a divisão, voltando-se ao antigo sistema logo em 1665.

É o caso que nesta ilha de Santiago, cabeça de Cabo Verde, há mais de sessenta mil almas; e nas outras ilhas, que são oito, ou dez, outras tantas, e todas elas estão em extrema necessidade espiritual; porque não há Religiosos de nenhuma Religião, que as cultivem, e os Párocos são mui poucos, e mui pouco zelosos, sendo o natural da gente o mais disposto, que há entre todas as Nações das novas conquistas, para se imprimir neles, tudo o que lhes ensinarem. São todos pretos, mas somente neste acidente se distinguem dos Europeus. Têm grande juízo e habilidade, e toda a política, que cabe em gente sem Fé, e sem muitas riquezas, que vem a ser o que ensina a natureza.

Há aqui clérigos, e cónegos tão negros como azeviche; mas tão compostos, tão autorizados, tão doutos, tão grandes músicos, tão discretos e bem morigerados, que podem fazer invejas aos que lá vemos nas nossas Catedrais. Enfim a disposição da gente é qual se pode desejar e o número infinito; porque além das cento e vinte mil almas, que há nestas ilhas, a Costa, que lhe corresponde em Guiné, e pertence a este mesmo Bispado, e só dista daqui jornada de quatro ou cinco dias, é de mais de quatrocentas léguas de comprido, nas quais se conta a gente, não por milhares, senão por milhares de Gentios; os que ali vivem ainda ficam aquém da verdade, por mais que pareça encarecimento; porque a gente é sem número, toda da mesma índole e disposição dos das ilhas; porque vivem todos os que as habitam, sem idolatria nem ritos gentílicos, que façam dificultosa a conversão, antes com grande desejo em todos, os que têm mais comércio com os Portugueses, de receberem nossa santa Fé, e se baptizarem, como com efeito têm feito muitos; mas por falta de quem os catequize e ensine, não se vêem entre eles mais rastos de cristandade, que algumas Cruzes nas suas povoações, e os nomes dos Santos, e os sobrenomes da Barreira, o qual se conserva por grande honra entre as principais delas, por reverência e memória do Padre Baltazar Barreira, que foi aquele grande missionário da Serra Leoa, que sendo tanto para imitar, não teve nenhum que o seguisse, nem levasse adiante o que ele começou; e assim estão indo ao inferno todas as horas infinidade de almas de adultos, e deixando de ir ao céu infinitas de inocentes, todas por falta de doutrina e baptismo, sendo obrigados de prover de Ministros Evangélicos todas estas Costas e Conquistas os Príncipes dum Reino em que tanta parte de vassallos são Eclesiásticos e se ocupam nos bandos e ambições, que tão esquecidos os traz de suas almas, e das alheias: mas tudo nasce dos mesmos princípios.

Padre da minha alma, este é o estado desta gentildade, e desta Cristandade; porque os das ilhas, ainda que todos baptizados, por falta de cultura, vivem quase como os da

terra firme. Afirmo a Vossa Reverência que chegando aqui, e vendo, e informando-me deste desamparo, e experimentando nas confissões destes dias o grande que há nas almas dos Portugueses, que por estas partes vivem, assim a mim, como aos companheiros, nos vieram grandes impulsos de não passarmos mais adiante, e aplicarmos as nossas fouces a esta tão vasta, e tão disposta messe; e sem dúvida o fizéramos, se a metade da Missão não tivera ido no outro navio, e sem pessoa que a levasse a cargo; e com eu ser tão apaixonado pelo Maranhão, confesso a V. Reverência que não posso deixar de conhecer quantas vantagens esta Missão faz àquela; porque está muito mais perto de Portugal, muito mais junta, muito mais disposta, e de gente, sem nenhuma comparação, muito mais capaz, e ainda muito mais numerosa, em que nestas ilhas não tem necessidade de se lhes aprender a língua; porque todos a seu modo falam a Portuguesa, e apenas se pode em nenhuma Nação considerar necessidade mais extrema.

Eu me arranco daqui com grande inveja e dor, e parece que se está dizendo nesta parte de África, o que na oposta se disse: *Facta fugis, facienda petis*. Mas como os fados me levam ao Maranhão, já que eu não posso lograr este bem, contento-me com testar dele, e o inculcar, e deixar a quem mais amo, que são os meus Padres do Alentejo, de cujo espírito, que eu conheço melhor que outros, espero que hão-de abraçar esta empresa com tanto afecto e resolução, e que as dificuldades, que nela se apresentam, sejam os principais motivos de a quererem por sua. Deus e o mundo verá (porque é bem que também o Mundo veja) se é maior e melhor espírito o dos que deixaram esta Conquista, ou dos que agora a tomam. Mas não é isto o porque eu peço a Sua Alteza, e a Vossa Reverência, senão porque tenho visto com os olhos o muito serviço de Deus, que nesta Missão se pode fazer, e quanta glória lhe podem dar os que aqui vierem empregar os talentos, que dele receberam, e sacrificar-lhe as vidas, que por tantos títulos lhe devemos. Enfim, já não há papel, nem tempo; venham os Padres, e venham logo, e não haja falta em virem, que se estão indo ao Inferno infinitas almas, das quais Deus há-de pedir conta de hoje em diante a Vossa Reverência e a Sua Alteza, e eu por lha não dar faço esta instância. Deus guarde a Vossa Reverência como desejo, para nosso amparo e desempenho.

Cabo Verde, 25 de Dezembro de 1652.

Humilde servo, e que muito ama a Vossa Reverência  
ANTÓNIO VIEIRA

(J. Lúcio de Azevedo, *Cartas do Padre António Vieira*, Coimbra, 1925, I, p. 294.)

## II

CARTA AO PADRE PROVINCIAL DO BRASIL  
(25-5-1653)

Muito Reverendo Padre Provincial

Começo a escrever esta a V. Rv.<sup>a</sup> em 22 de Abril, em que se cerram cinco meses do dia que partimos de Lisboa, dos quais quase dois foram de navegação.

Como a viagem se ia fazendo tão larga, e não sabíamos que vento nos renderia ao diante, resolveram os do governo da caravela que era necessário tomar o Cabo Verde, como se fez. Chegámos à vila da Praia aos 20 de Dezembro, onde havia duas horas que também tinham dado fundo três naus da nossa companhia, que nunca mais tínhamos visto, das quais soubemos que a portuguesa as deixara naquela mesma noite, entendendo sem dúvida que as outras, por serem holandesas, lhes guardariam os Pechelingues<sup>11</sup> mais respeito; mas não foi assim, porque abordando uma a renderam, e querendo fazer o mesmo a outra foram resistidos, com tanto dano seu que a deixaram e as demais. No dia seguinte, que era o de S. Tomé, fomos dar fundo no porto da cidade,<sup>12</sup> a hora que já não era de missa. Mandou-nos logo visitar o Governador pelo Sargento-mor da praça, oferecendo-nos a sua casa com primeiro e segundo recado.

Tínhamos já resolvido entre nós, por evitar toda ocasião de doença, que enquanto ali estivéssemos não tivéssemos outra casa mais que a caravela, salvo se algum serviço de Deus nos obrigasse a estar em terra. Com este pressuposto saí a dar as graças ao Governador, e escusar-nos da hospedagem, e vendo-nos recolhendo para a caravela nos fizeram a mesma força os prebendados daquela sé, e particularmente o Tesoureiro-mor Diogo Furtado de Mendonça, alegando-nos ter V. Rev.<sup>a</sup> sido seu hóspede todo o tempo que ali se deteve a frota. Também me pediram quisesse pregar ao outro dia, que era a quarta dominga do Advento, e isto só aceitei.

Pela manhã desembarcámos todos para dizer missa, e, para que o sermão pudesse ser de algum fruto, tomei por tema a S. João Baptista, e preguei o baptismo da penitência.

<sup>11</sup> Corsários de Flessinga, cidade e porto militar da ilha de Walcheren (Holanda), assim chamados por corruptela.

<sup>12</sup> Ribeira Grande

Obrigaram-nos os ouvintes a que não tornássemos para o mar, havendo naquela tarde e na seguinte doutrina, a que nos acompanhavam, com grande amor e devoção e com grande mágoa nossa os nossos antigos estudantes, e com eles seus pais e toda a cidade.

Enfim, foi tanto o que Deus moveu os corações de todos que, em quatro dias que ali estivemos, de dia e de noite não fizemos outra coisa que ouvir confissões, e quase todas elas gerais, já repartidas pelas igrejas, já na casa onde estávamos, que era a do Tesoureiro-mor, já na cadeia e em casas particulares, de doentes e outra gente impedida, sem ficar pessoa de conta, em toda a cidade, que se não aproveitasse daquela ocasião, dizendo todos que não fora a nossa ida ali acaso, senão para salvação e remédio de muitas almas.

Não nos podia deixar de constar ser assim, pelas confissões de grandíssima importância que fazíamos, reconhecendo então, e atribuindo a providência particular de Deus, as tempestades, inimigos, calmarias e todos os outros desvios, que nos fizeram tão dilatada a viagem, e nos obrigaram a ir tomar aquela escala. Os que mais que todos nos edificaram foram os reverendos capitulares daquela sé, que são tão autorizados e tão ricos como V. Rev.<sup>a</sup> sabe, os quais todos se confessaram connosco de toda a vida. Além destes frutos espirituais, que se colheram em secreto, houve muitas demonstrações públicas, como de amizades, restituições e votos, que logo nas igrejas, nos adros e pelas ruas públicas se faziam, com grande edificação e demonstração dos efeitos da divina graça.

Mil diligências fizeram os da terra para que, ao menos, nos detivéssemos mais alguns dias. Foi o último a primeira oitava do Natal, em que tornei a pregar, exortando a todos à perseverança na graça recebida, e principalmente aos capitulares, a quem dirigi grande parte do sermão, receitei e engrandeci quanto pude a grande obrigação, em que estavam, de acudir ao remédio de tantas almas, das quais eles, *sede vacante*, eram pastores, e que, em falta de outros sacerdotes idóneos, pois os não havia, deviam eles mesmos visitar os cristãos das ilhas e da terra firme, sujeitos àquele bispado, que todas estão em grande necessidade espiritual: e que, se para isso deixassem as cadeiras do coro da sua sé, louvariam muito mais a Deus, e lhe fariam muito mais agradável serviço.

Naquela mesma tarde nos partimos, deixando todos os da terra mui sentidos, e apartando-nos nós tão obrigados deles como eles edificados dos nossos padres que ali estiveram, os quais, com seu exemplo e religiosa vida, nos granjearam,

para todos os da Companhia, esta grande benevolência e amor.

Desejou o Cabido e a cidade que, dos quatro, ficássemos com eles ao menos dois, e esta petição nos vieram fazer em nome do clero o Vigário Geral, e em nome da cidade os juizes e vereadores em forma de Câmara; e estes nos ofereceram uma petição por escrito, com um relatório tão largo da grande necessidade de doutrina, que dentro e fora daquelas ilhas se padecia; das almas que, por falta de quem lhes administrasse os sacramentos se estavam perdendo; do amor que sempre tiveram aos da Companhia; da pontualidade com que lhes conservavam a casa e fazenda que eles deixaram; da prontidão com que estavam de lhes edificar a igreja e os assistir com todo o necessário; das instâncias que têm feito para que lhes sejam restituídos, sem quererem nunca admitir outros religiosos, que de outras religiões se lhes oferecem; e tudo com palavras de tanto sentimento, de tanto respeito e de tanto affecto à Companhia, que afirmo a V. Rev.<sup>a</sup> fizemos muito em não nos deixar vencer de ficar ali, ou todos ou alguns de nós, se não se nos pusera adiante virmos determinados a esta missão, e não haver nela quem a tivesse a seu cargo, e pertencermos à Província do Brasil, e não à de Portugal a quem pertence Cabo Verde, e, a não ser esta a nossa vocação, sem dúvida fora aquele o termo da viagem.

Estes mesmos desejos e estas mesmas dificuldades lhes propusemos, e esta foi a resposta com que os deixámos de alguma maneira satisfeitos, obrigando-nos a ser solicitadores com S. M., e com os Superiores da Companhia, para que muito brevemente se lhes mande o socorro de religiosos que pedem; e sobre este particular escrevi uma carta encarecida, que ficou no mesmo Cabo Verde,<sup>13</sup> para ir em companhia da nova instância, que querem fazer a El-rei, sobre este tão qualificado requerimento.

Nesta ocasião torno a representar a S. M., e escrevo também ao Padre Provincial,<sup>14</sup> para que acuda a este extremo desamparo, e não se dilate uma tão grande glória de Deus e da Companhia, como da missão de todas aquelas ilhas e terra firme se pode esperar.

Enfim, partimos, como dizia, na tarde de 26 de Dezembro, na nossa caravela de Simão Ferreira de Alfama, o qual nomeio aqui por uma grande fineza, que fez por nós nessa ocasião, de que não tivemos notícia senão depois de estarmos no mar. Foi o caso que pessoas principais de Cabo Verde o

<sup>13</sup> Documento desconhecido, provavelmente perdido.

<sup>14</sup> Documentos igualmente desconhecidos.

chamaram, e lhe ofereceram que logo lhe contariam, em patacas, muito mais do que poderia interessar em toda a viagem, se naquela última noite se fizesse à vela, fingindo que lhe arrebitara a amarra, e nos deixasse em terra; e, sendo assim que todos os passageiros e gente do mar dormiam a bordo, e a brisa tão rija que, com efeito lhe arrebitou uma amarra, foi o mestre tão honrado que antepôs a fé e respeito, que nos quis guardar, a todo aquele interesse que uns e outros lhe prometeram. de contado, e lhe ofereceram com grandeza.